

# DESCONCENTRAÇÃO REGIONAL DA RENDA AGROPECUÁRIA PAULISTA NO PERÍODO 1999-2003

José Sidnei Gonçalves<sup>1</sup>

José Roberto Vicente<sup>1</sup>

## 1 - INTRODUÇÃO

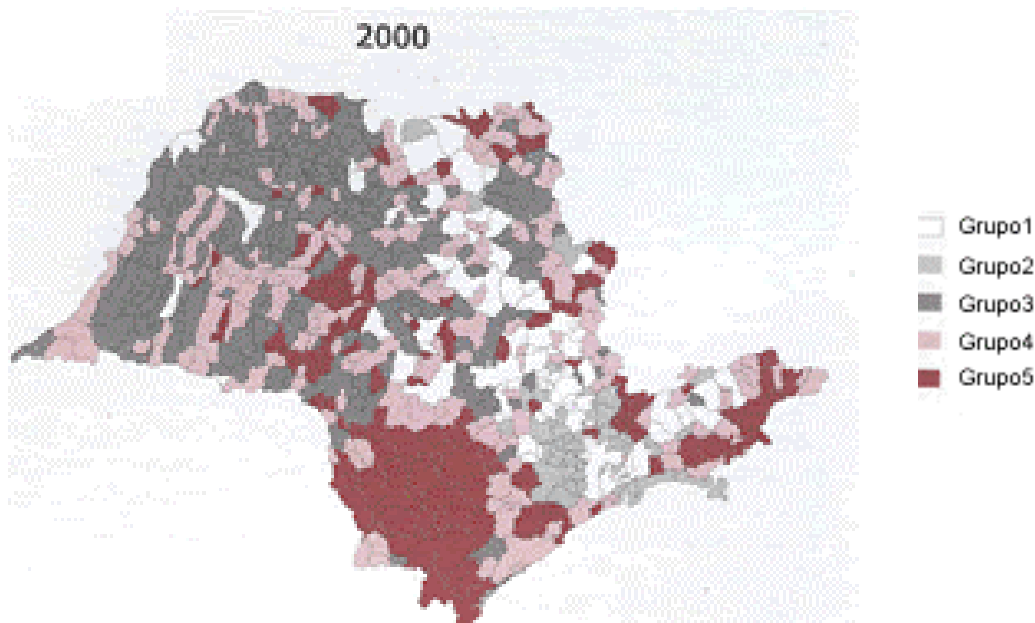
A realidade de crescimento da renda na agropecuária paulista, com um incremento em valores constantes de 34,64% no quinquênio 1999-2003, ao revelar o dinamismo setorial, deve ter uma leitura de outro ângulo, visualizando seus impactos na ótica da distribuição espacial dessa riqueza gerada, dada a enorme disparidade regional da renda existente na economia paulista. Numa visão estrutural, os municípios com melhores indicadores econômicos e sociais estão situados no eixo Anhangüera-Bandeirantes. Essas localidades estão no grupo 1 do Índice Paulista de Responsabilidade Social (IPRS) para o ano 2000, medido pela Fundação SEADE e divulgado pela Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo. Nos dois lados desse eixo encontram-se municípios com indicadores que revelam maior carência social e econômica, incluídos nos grupos 2 a 5. O enorme conjunto de municípios com indicadores mais preocupantes divide-se em dois blocos principais: um, na ampla faixa que abarca o Sudoeste Paulista e o Vale do Ribeira; e outro, numa faixa menor no Vale do Paraíba, além de outras manchas distribuídas pelo interior paulista, todos integrantes do grupo 5 do IPRS (Figura 1).

A resposta para a redução dessa desigualdade latente é o exercício de políticas públicas capazes de fazer frente a esse processo, gerando uma tendência de diminuição das distâncias entre as diversas regiões paulistas e aproximando os índices do conjunto do território estadual dos indicadores verificados no eixo Anhangüera-Bandeirantes. Na esmagadora maioria dos municípios dessas regiões que exigem maior dinamismo econômico, a principal atividade econômica consiste nos agronegócios, muitos deles com as respectivas cadeias de produção não plenamente desenvolvidas pela agregação de valor ao produto local. Nesse contexto, as políticas pú-

blicas de sucesso orientam-se por dois pressupostos que se complementam, quais sejam, a especialização produtiva com base nos arranjos produtivos locais e a produção de inovações focadas na demanda regional. Destacando, nesse caso, as inovações, há que se ressaltar, ainda, que nos agronegócios as inovações têm a característica da especificidade quanto ao local, de pouco adiantariam propostas de transplante de resultados de pesquisa realizados em outras regiões. Mesmo porque a transformação é um processo e, assim encarada, deve partir da realidade local, identificando singularidades e vantagens comparativas que permitam o desenvolvimento de vantagens competitivas sustentáveis dos negócios da agricultura. Em outras palavras, é fundamental a consolidação da estrutura de pesquisa local para os agronegócios, com foco nas cadeias de produção regionais.

A simples visualização locacional da estrutura de pesquisa da Secretaria de Agricultura e Abastecimento, com uma história de relevantes contribuições para o desenvolvimento dos agronegócios, permite diagnosticá-la como funcional com a disparidade regional construída no território paulista. Os seis institutos de pesquisa que atualmente compõem a Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios estão sediados exatamente no epicentro regional com melhores indicadores de IPRS, no eixo Anhangüera-Bandeirantes. Um conjunto de três deles tem sede na capital paulista, quais sejam, o Instituto de Economia Agrícola (IEA), o Instituto Biológico (IB) e o Instituto de Pesca (IP), enquanto outro conjunto de três tem sede na região metropolitana de Campinas, sendo dois em Campinas, quais sejam, o Instituto Agrônomo (IAC) e o Instituto de Tecnologia de Alimentos (ITAL) e outro em Nova Odessa, o Instituto de Zootecnia (IZ). Mesmo com estruturas de estações experimentais regionais, o foco dos trabalhos desses institutos seguia a visão das sedes que concentram o maior número de pesquisadores e os laboratórios mais sofisticados.

<sup>1</sup>Engenheiro Agrônomo, Doutor, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

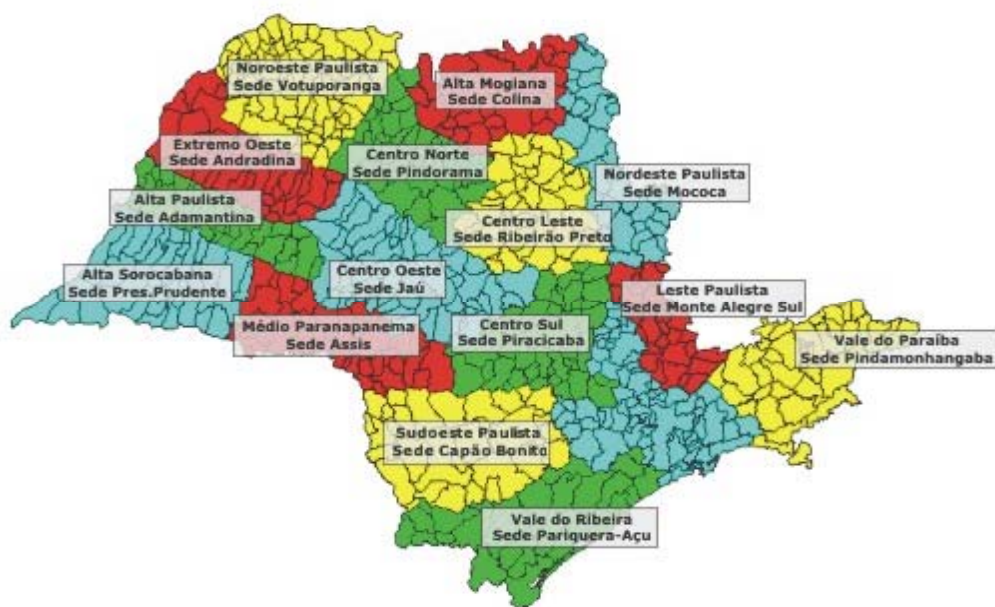


**Figura 1** - Municípios Paulista segundo os Grupos do IPRS, 1992-2000.  
Fonte: Fundação SEADE, Índice Paulista de Responsabilidade Fiscal (IPRS).

Romper com a disparidade entre as regiões paulistas significa exatamente romper com essa institucionalidade que reforça o ímpeto concentrador, o que, de forma mais direta, significa descentralizar as estruturas de pesquisa, com equipes e laboratórios localizados nas regiões, atuando focados nas demandas regionais. Caso contrário, repete-se como farsa histórica um fato corriqueiro e conhecido das unidades da Secretaria de Agricultura e Abastecimento, justificando-se a contratação de pessoal com base no espaço vazio de cobertura da ação governamental, identificando municípios e regiões descobertas e carentes da ação pública. Tão logo as contratações se efetivam, quase como num passe de mágica, que a maioria dos novos servidores pede transferência para as sedes, aprofundando as disparidades regionais. Não é sem razão que mais de 70% dos técnicos da Secretaria de Agricultura e Abastecimento estão localizados nas sedes, cerca de 42% deles em Campinas (SP). Um exemplo na estrutura de pesquisa é o caso do Vale do Ribeira, que no concurso autorizado na segunda metade dos anos 80s recebeu 13 pesquisadores lotados nas antigas unidades regionais de institutos que atualmente integram a Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (APTA), sendo que atualmente lá atuam 3 pesquisadores, 1 deles recentemente transferido. A estruturação, a partir de 1999, dos 15 Pólos Regionais de De-

envolvimento Tecnológico dos Agronegócios, articulados pelo Departamento de Descentralização do Desenvolvimento (APTA REGIONAL), sediado em São Paulo, visou exatamente romper com essa perspectiva da história institucional que instrumentaliza o aumento das disparidades regionais, buscando contribuir para sua redução, com base na alavancagem das cadeias de produção dos agronegócios (Figura 2).

Este artigo pretende discutir esse processo recente da evolução da renda bruta na agropecuária paulista, no sentido de caracterizar o processo de concentração, analisando os dados referentes ao período 1999-2003. O Valor da Produção Agropecuária utilizado é o calculado pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA APTA), com base nos 47 principais produtos dos agronegócios paulistas, a partir de base de dados regionalizada, agrupados em 11 cadeias de produção, agregados para permitir uma comparação consistente entre produtos de estruturas de mercado similares (Tabela 1). Depois de calculados os valores anuais, eles foram transformados em valores constantes médios de 2003, com base na variação do IPCA da FIBGE. O Valor da Produção Agropecuária, ainda que seja um indicador parcial da renda gerada pela totalidade das cadeias de produção dos agronegócios, abarca apenas o elo estratégico da produção agropecuária, não medindo a agregação de valor ao produ-



**Figura 2** - Pólos Regionais de Desenvolvimento Tecnológico dos Agronegócios da APTA.

Fonte: APTA.

**TABELA 1** - Produtos Considerados pelo Instituto de Economia Agrícola no Cálculo do Valor da Produção Agropecuária

Composição dos grupos de cadeias de produção	N. de produtos
Olerícolas	
abóbora, abobrinha, alface, batata, batata doce, beterraba, cebola, cenoura, pimentão, repolho e tomate de mesa	11
Grãos e fibras	
algodão em caroço, amendoim em casca, arroz em casca, feijão, milho, soja, sorgo e trigo	8
Frutas frescas	
abacate, abacaxi, banana, caqui, goiaba de mesa, laranja de mesa, limão, manga, melancia <sup>1</sup> , pêssego de mesa, tangerina e uva de mesa.	12
Café	1
Cana	1
Carne bovina	1
Laranja indústria	1
Leite	
leite B e leite C	2
Aves e suínos	
carne de frango, carne suína e ovos	3
Raízes tropicais	
mandioca de mesa e mandioca para indústria	2
Agronegócios especiais	
borracha, casulo, goiaba de indústria, maracujá e tomate para indústria	5
<b>Total de produtos utilizados</b>	<b>47</b>

<sup>1</sup>A despeito da melancia ser, na verdade, uma fruta olerícola, optou-se pela sua classificação como fruta fresca.

Fonte: IEA/APTA.

to pela agroindústria de alimentos, pode representá-la de forma conveniente na ausência de estatísticas de publicação regular sobre a renda global gerada pelos agronegócios.

As ações de pesquisa e desenvolvimento têm impacto direto no tamanho da renda setorial. Isso na medida em que, numa economia aberta para o conjunto dos agronegócios, ocorre a realidade de preços cadentes da cesta de alimentos e outros produtos dos agronegócios numa visão de médio prazo. Além disso, a área agrícola paulista vem se mantendo em torno dos 18 milhões de hectares desde os anos 80s, uma vez que a fronteira agrícola está esgotada enquanto frente de expansão horizontal. Dessa maneira, somente modificações na composição de culturas, substituindo produtos de menor valor agregado por outros de maior valor agregado unitário, e os incrementos na produtividade da terra podem alavancar a renda setorial. Essas duas variáveis decorrem diretamente da capacidade de geração e internalização de inovações, ou seja, do esforço governamental de pesquisa e desenvolvimento para os agronegócios.

O critério de regionalização utilizado corresponde às áreas de abrangência dos Pólos Regionais de Desenvolvimento Tecnológico dos Agronegócios da APTA da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Nessa estrutura estão organizados 15 pólos regionais, mais um bloco de municípios que corresponde a uma 16ª área de abrangência, que corresponde àquela em que estão localizadas as sedes dos institutos de pesquisa que integram a referida instituição de pesquisa científica e tecnológica para os agronegócios. As diferentes regionalizações existentes no Estado de São Paulo, quais sejam, as regiões administrativas (15), regiões hidrográficas (22) e as regiões agrícolas (40), congregam bases territoriais muito distintas, nem sempre compatíveis com o conceito de territorialidade. A opção pelas áreas de abrangência deriva do fato de que se busca focar a questão do papel da inovação nesse processo.

## **2 - PÓLOS REGIONAIS DE DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO DOS AGRONEGÓCIOS E CONSOLIDAÇÃO DOS ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS**

Na fase de elaboração do Plano Pluria-

nual (PPA) 2004-2007, com a consolidação das 19 audiências públicas realizadas para debater os elementos prioritários sob a ótica do desenvolvimento regional, envolvendo as 13 regiões administrativas destacadas no PPA 2004-2007, apenas na de Campinas os agronegócios não aparecem como uma das prioridades. Na verdade, nas 12 outras, os agronegócios são prioridade e solicitam o fortalecimento das estruturas públicas regionais. O desenvolvimento das demais regiões paulistas, de maneira alguma, pode ser pensado como mera reprodução do processo histórico que conduziu a transformação do eixo São Paulo-Campinas à condição de região mais desenvolvida da economia estadual. Mesmo porque, a própria Região Metropolitana de Campinas, que congrega os 19 municípios próximos do eixo representado pela Rodovia dos Bandeirantes, tem perfil distinto da Região Administrativa de Campinas, que contempla 90 municípios. Se, no núcleo central, os agronegócios não são o principal motor das transformações econômicas, mas sim os segmentos industriais mais sofisticados, nos municípios que formam a borda dessa região administrativa, há uma preponderância nítida dos agronegócios como fronteira da oportunidade de desenvolvimento.

Assim, se não no seu contorno metropolitano, mesmo na Região Administrativa de Campinas, a descentralização com base nos agronegócios é estratégica. Em outras palavras, é preciso definir com clareza os objetivos, dando conteúdo a uma estrutura física no sentido de internalizar as características da região, nos seus limites e potencialidades. Trata-se de uma ação pró-ativa do Estado, como elemento mobilizador das potencialidades locais, transformando vantagens comparativas em vantagens competitivas. Essa ação estatal não tem, contudo, modelo pronto, pois, numa ruptura com a visão autoritária de pacotes tecnológicos prontos, busca-se construir o desenvolvimento alicerçado nas condições locais.

Os pressupostos fundamentais do processo de transformação devem conter os elementos capazes de produzir uma mudança efetiva da realidade local, que não se dá no vazio. Potencializar a especificidade regional significa plugar a região no mundo. Esse é o pressuposto estratégico da estruturação dos arranjos produtivos locais, destacados como prioridade no Plano Plurianual 2004-2007. Encontram-se, em São Paulo, regiões que produziram processos de es-

pecialização e essa especialização local pode ser consolidada e/ou aprofundada com base em políticas públicas, com ações nas esferas governamental e privada como suporte à competitividade local. Essas intervenções consubstanciam-se pela grande eficácia, existindo experiências exitosas em várias nações e mesmo em regiões brasileiras.

As ações públicas orquestradoras de interesses podem dar suporte ao aumento da competitividade, agregando valor e impulsionando a modernização de estruturas produtivas tradicionais, muitas vezes incorporando o “charme” do clássico como valor cultural fundamental na diferenciação de produtos, em especial em segmentos em que possam prosperar os negócios da pequena empresa. A definição e desenvolvimento de novos negócios no conceito de Arranjos Produtivos Locais (APL), nas diferentes cadeias de produção, envolvendo desde produtos naturais até processos agroindustriais como couro e calçados, têxteis e confecções, móveis e madeira, além de atividades agregadoras de valor pela diferenciação da qualidade na origem como frutas de qualidade, olerícolas frescas semipreparadas, contemplando várias regiões do Estado, revelam o caminho a trilhar no sentido da geração de emprego e de renda. Essa é a agenda dos 15 Pólos Regionais da APTA, construída e consolidada na cooperação entre setor produtivo, agências governamentais, instituições de pesquisa científica e tecnológica, universidades e entidades de representação setorial e local.

A agroindústria têxtil e de confecções de Americana e Nova Odessa, a de calçados em Franca, Jaú e Birigüi, os bordados de Ibitinga, as indústrias de balas, chocolates e confeitos de Campinas e Ribeirão Preto, o abacaxi de Guaraçá, a seda de Gália, o amido de mandioca do Médio Paranapanema, as uvas finas para exportação de Jales, as granjas de ovos de Bastos, as granjas de frango de corte de Descalvado, o gengibre de Tapiraí, as tangerinas e as frutas de clima temperado do Sudoeste, a banana, a pupunha, o chá e o búfalo do Vale do Ribeira, os móveis de Votuporanga, de Mirassol e de Itapeva, a produção de linolol de manjerição de Votuporanga, o amendoim de Tupã e de Jaboticabal são elementos de oportunidades de sucesso de arranjos produtivos locais nas cadeias de produção dos agronegócios, a serem impulsionados pelas inovações tecnológicas e gerenciais, pelos servi-

ços tecnológicos, pelo incentivo à inovação, realizados nas ações dos Pólos Regionais de Desenvolvimento Tecnológico dos Agronegócios.

A noção de desenvolvimento dos arranjos produtivos locais implica necessariamente na atuação endógena da pesquisa e desenvolvimento, destacando singularidades que promovem a diferenciação de produtos locais, tendo em mente o desenvolvimento de vantagens competitivas de origem, importantes nas estruturas de produção biológica, como os agronegócios. Assim, o território paulista deve ser encarado como um mosaico de oportunidades e de experiências exitosas de transformação da realidade, a partir de ações regionais típicas que exigem a presença local do pesquisador. Não há sentido em propalar o fortalecimento de compromissos com as demandas locais com prioridades a serem atendidas por estruturas de pesquisa e desenvolvimento localizadas a muitos quilômetros de distância.

### **3 - VALOR DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA REGIONAL: o processo de desconcentração**

Os resultados obtidos mostram os primeiros indicadores do sucesso da política desenvolvida pelo Governo do Estado de São Paulo, em função da decisão de promover a descentralização de sua estrutura de pesquisa e desenvolvimento para os agronegócios com a implantação dos Pólos Regionais de Desenvolvimento Tecnológico dos Agronegócios da APTA. Tomando as 15 áreas de abrangência de atuação dos pólos regionais como parâmetro para analisar a evolução do valor da produção agropecuária regional no período 1999-2003, verifica-se que em 7 delas o crescimento da renda agropecuária foi maior que a média estadual de 34,64%. Essas 7 regiões estão exatamente fora do eixo Anhangüera-Bandeirantes, caracterizado como a região paulista mais rica, representado nas áreas de abrangência da APTA pelas **sedes** dos institutos de pesquisa, e que teve 13,13% de taxa de crescimento no período 1999-2003, a menor entre as regiões paulistas, embora positiva. Noutras palavras, todas as regiões paulistas tiveram crescimento positivo e expressivo da renda agropecuária no quinquênio 1999-2003, mas na distribuição geográfica desse crescimento verifica-se consistente processo de desconcentração regional da renda agropecuária (Tabela 2).

TABELA 2 - Evolução da Variação Percentual do Valor da Produção Agropecuária, segundo as Áreas de Abrangência dos Pólos Regionais de Desenvolvimento Tecnológico dos Agronegócios, da APTA, 1999 a 2003

Pólos	2000/1999	2001/2000	2001/2002	2002/2001	2003/1999
Alta Paulista	11.35	-0.33	25.41	13.40	57.84
Alta Mogiana	9.30	23.02	11.47	1.31	51.84
Sudoeste Paulista	-0.69	24.77	16.48	3.98	50.07
Alta Sorocabana	8.28	3.19	11.81	19.01	48.66
Extremo Oeste	15.74	0.05	8.58	12.11	40.96
Vale do Paraíba	16.59	0.12	7.12	11.84	39.84
Centro Oeste	17.91	5.91	9.66	1.30	38.72
Total	7.00	10.63	10.95	2.51	34.63
Médio Paranapanema	-4.28	13.41	10.31	12.32	34.51
Centro Sul	4.85	27.50	-1.32	-0.72	30.98
Centro Leste	16.98	8.76	8.34	-5.45	30.32
Centro Norte	-4.31	20.87	16.69	-3.78	29.86
Noroeste Paulista	0.94	7.74	11.06	7.27	29.55
Leste Paulista	-1.88	21.00	3.49	3.41	27.06
Nordeste Paulista	12.93	-2.32	23.44	-12.50	19.13
Vale do Ribeira	9.45	-11.27	-3.62	26.19	18.12
Sede dos pólos	9.08	-4.16	6.34	1.76	13.13

Fonte: IEA/APTA.

Na leitura desses indicadores de crescimento do valor da produção agropecuária no período 1999-2003, as 7 regiões de abrangência dos pólos regionais da APTA, com crescimento superior à **média estadual** de 34,64%, foram a **Alta Paulista** (57,84%), a **Alta Mogiana** (51,84%), o **Sudoeste Paulista** (50,07%), a **Alta Sorocabana** (48,66%), o **Extremo Oeste** (40,96%), o **Vale do Paraíba** (39,84%) e o **Centro Oeste** (38,72%), todas elas fora do epicentro Anhangüera-Bandeirantes. As demais 8 regiões de abrangência tiveram crescimento menor que a média estadual, mas superior aos 13,13 % verificados nas **sedes**, quais sejam, **Médio Paranapanema** (34,51%), **Centro Sul** (30,98%), **Centro Leste** (30,32%), **Centro Norte** (29,86%), **Nordeste Paulista** (29,55%), **Leste Paulista** (29,06%), **Nordeste Paulista** (19,13%) e **Vale do Ribeira** (18,12%) (Tabelas 2 e 3). Essa mudança estrutural decorre diretamente da formação favorável das expectativas face ao rumo definido para as políticas públicas estaduais, de compromisso com um intenso processo de descentralização baseado nos arranjos produtivos locais, de aprofundamento da interiorização da estrutura universitária e, nos agronegócios, de implantação dos pólos regionais de desenvolvimento tecnológico dos agronegócios. Com isso, os investidores acreditaram nas perspectivas de descentralização de desenvolvimento, essa sinalização gover-

namental serviu de ponto de partida de um vigoroso processo de desconcentração regional da riqueza.

Para esse processo ser efetivo no longo prazo, realizando de fato o redesenho do mapa de distribuição espacial da riqueza na economia paulista, deve ser consolidado e aprofundado, exatamente para transformar em tendência consistente de longo prazo, os desempenhos dos agronegócios regionais do período 1999-2003. A mudança de foco no atendimento regional da demanda de formação de recursos humanos, a maior proximidade com o setor produtivo e a disponibilidade de serviços tecnológicos já contribuíram para o início de um processo de desconcentração regional da renda nos agronegócios. Consolidar esse processo é fundamental para o Estado de São Paulo, adotando medidas como a estruturação das equipes dos pólos regionais com a nomeação dos pesquisadores aprovados no concurso realizado sob os auspícios do Decreto n. 47.219/2002 e a organização e implantação de uma agenda regional de pesquisa e desenvolvimento, formatando projetos que irão alavancar as parcerias com o setor produtivo e a obtenção de financiamento para a consolidação da estrutura laboratorial regional. Isso alinha-se com o curso da regionalização das políticas públicas estaduais, consubstanciado no PPA 2004-2007, que traz um pioneiro e excelente capítulo

TABELA 3 - Evolução do Valor da Produção Agropecuária, segundo as Áreas de Abrangência dos Pólos Regionais de Desenvolvimento Tecnológico dos Agronegócios, da APTA, 1999 a 2003

(em R\$)<sup>1</sup>

Pólos	1999		2000		2001	
	Valor	%	Valor	%	Valor	%
Alta Mogiana	1.641.889.079	8,94	1.794.564.114	9,13	2.207.742.959	10,15
Alta Paulista	682.295.307	3,71	759.737.205	3,86	757.244.079	3,48
Alta Sorocabana	780.161.213	4,25	844.734.032	4,30	871.653.588	4,01
Centro Leste	1.749.427.548	9,52	2.046.444.036	10,41	2.225.654.475	10,23
Centro Norte	1.920.289.257	10,45	1.837.481.177	9,35	2.220.940.383	10,21
Centro Oeste	1.485.911.806	8,09	1.752.007.804	8,91	1.855.608.911	8,53
Centro Sul	1.389.166.553	7,56	1.456.573.199	7,41	1.857.178.388	8,54
Extremo Oeste	1.010.394.930	5,50	1.169.412.179	5,95	1.170.012.765	5,38
Leste Paulista	811.561.469	4,42	796.336.883	4,05	963.551.293	4,43
Médio Paranapanema	1.396.983.471	7,60	1.337.206.819	6,80	1.516.573.025	6,97
Nordeste Paulista	1.464.341.452	7,97	1.653.685.821	8,41	1.615.247.574	7,43
Noroeste Paulista	1.360.233.356	7,40	1.372.989.726	6,98	1.479.242.032	6,80
Sedes	974.876.575	5,31	1.063.397.083	5,41	1.019.193.298	4,69
Sudoeste Paulista	1.072.444.474	5,84	1.065.017.583	5,42	1.328.822.861	6,11
Vale do Paraíba	233.920.955	1,27	272.720.520	1,39	273.040.427	1,26
Vale do Ribeira	398.288.433	2,17	435.928.697	2,22	386.816.165	1,78
<b>Total</b>	<b>18.372.185.877</b>	<b>100,00</b>	<b>19.658.236.879</b>	<b>100,00</b>	<b>21.748.522.222</b>	<b>100,00</b>
Pólos	2002		2003		2003/1999 (var. %)	
	Valor	%	Valor	%		
Alta Mogiana	2.460.909.647	10,20	2.493.056.343	10,08	51,84	
Alta Paulista	949.683.561	3,94	1.076.964.298	4,35	57,84	
Alta Sorocabana	974.569.191	4,04	1.159.811.328	4,69	48,66	
Centro Leste	2.411.314.316	9,99	2.279.795.271	9,22	30,32	
Centro Norte	2.591.646.777	10,74	2.493.674.714	10,08	29,86	
Centro Oeste	2.034.892.816	8,43	2.061.288.541	8,33	38,72	
Centro Sul	1.832.578.156	7,59	1.819.464.936	7,36	30,98	
Extremo Oeste	1.270.367.586	5,26	1.424.220.413	5,76	40,96	
Leste Paulista	997.156.664	4,13	1.031.155.962	4,17	27,06	
Médio Paranapanema	1.672.870.022	6,93	1.879.025.124	7,60	34,51	
Nordeste Paulista	1.993.831.011	8,26	1.744.525.076	7,05	19,13	
Noroeste Paulista	1.642.773.899	6,81	1.762.237.494	7,12	29,55	
Sedes	1.083.819.771	4,49	1.102.878.249	4,46	13,13	
Sudoeste Paulista	1.547.793.586	6,41	1.609.468.315	6,51	50,07	
Vale do Paraíba	292.481.009	1,21	327.117.758	1,32	39,84	
Vale do Ribeira	372.819.845	1,55	470.460.190	1,90	18,12	
<b>Total</b>	<b>24.129.507.858</b>	<b>100,00</b>	<b>24.735.144.013</b>	<b>100,00</b>	<b>34,63</b>	

<sup>1</sup>Em valores constantes, médios de 2003, deflacionados pelo IPCA do IBGE.

Fonte: IEA/APTA.

sobre desenvolvimento regional, num processo que desaguará na regionalização definitiva das estruturas das agências estaduais de desenvolvimento econômico como a APTA, conduzindo ao orçamento regionalizado, em cumprimento pleno ao que está consignado na Constituição do Estado de São Paulo que, no artigo 156, dispõe: **“os Planos Plurianuais do Estado estabelecerão, de forma regionalizada, as diretrizes, objetivos e metas da Administração Estadual”**.

#### 4 - DINAMISMO REGIONAL DESCONCENTRADOR DA RENDA AGROPECUÁRIA: uma visão dos grupos de cadeias de produção

A caracterização global do processo recente de desconcentração regional da renda agropecuária paulista torna relevante o aprofundamento da análise, visando destacar, em cada área de abrangência dos Pólos Regionais, os grupos de cadeias de produção mais dinâmicos

que impulsionaram o crescimento da renda agropecuária, comparando os anos de 2003 e de 1999. Esse detalhamento permite visualizar o conteúdo desse processo em cada região, propiciando o desenho de medidas de políticas públicas adicionais, no sentido de sua potencialização, com base nos atuais segmentos dinâmicos e na horizontalização com a criação de novos negócios alavancadores regionais da renda e do emprego.

Na área de abrangência da **Apta Regional Alta Mogiana**, as principais fontes de geração da renda agropecuária são as cadeias de produção de cana (49,13%), grãos e fibras (22,22%) e a laranja para indústria (11,86%). No conjunto da agropecuária, tiveram taxas de crescimento maiores que a média de 51,84%, as cadeias de produção de raízes tropicais (131,99%), de leite (122,70%), de cana (56,87%) e de aves e suínos (69,88%) (Tabela 4). Nessa região, os impactos mais relevantes foram dados pela cadeia de produção de cana, que além de representar o mais importante agronegócio, apresentou, no período, taxa de crescimento superior à média. Verifica-se, entretanto, resultados do esforço de diversificação com taxas de crescimentos expressivas de cadeias de produção de menor expressão regional, merecendo destaque os trabalhos de pesquisa com leite, aves e mandioca de mesa, realizados de forma regionalizada, cujos resultados, em especial com a demonstração de sistemas de produção, foram importantes.

Na área de abrangência da **APTA Regional Alta Paulista**, as principais fontes de geração da renda agropecuária regional são as cadeias de produção de aves e suínos (37,81%), de carne bovina (31,76%), de cana (10,43%) e de grãos e fibras (8,07%). No conjunto da agropecuária, tiveram taxas de crescimento maiores que a média de 57,84%, as cadeias de produção de raízes tropicais (543,84%), de aves e suínos (185,35%) e de cana (77,77%), merecendo destaque ainda, por terem crescido mais que a média estadual, os grãos e fibras (45,01%) (Tabela 4). Nessa região, destaca-se o trabalho com sanidade avícola, de desenvolvimento de cultivares de mandioca para indústria, mais produtivos em termos de amido total por unidade de área e de variedades regionais de cana.

Na área de abrangência da **APTA Regional Alta Sorocabana**, as principais fontes de crescimento da renda agropecuária são a carne bovina (51,25%), os grãos e fibras (19,87%) e a cana (13,43%). Numa região marcada pelo predomínio histórico da pecuária bovina, o recente e vertiginoso ciclo de expansão das lavouras de grãos e fibras (190,63%), centrado na soja e no milho, além do expressivo crescimento das raízes tropicais (83,95%), revelam um processo importante para a dinamização dos agronegócios, com impactos decisivos na renda e no emprego regionais (Tabela 4). Esse processo sustenta-se na pesquisa regional de competição de variedades de soja e nos testes de materiais genéticos de milho e mandioca para indústria que, não apenas selecionam materiais superiores, como também propiciam dias de campo para verificação direta pelos lavradores do desempenho dos cultivares e variedades, permitindo-lhes apreender as melhores práticas para a condução das lavouras na realidade regional.

Na área de abrangência da **APTA Regional Centro Leste**, as principais fontes geradoras da renda agropecuária são a cana (49,23%), as aves e suínos (13,84%) e a laranja para indústria (13,25%). No conjunto da agropecuária regional, tiveram taxas de crescimento maiores que a média de 30,32%, a laranja para indústria (125,25%), o leite (77,11%), as frutas frescas (60,89%), os grãos e fibras (60,09%) e os agronegócios especiais (55,93%) (Tabela 4). Nessa região destacam-se as pesquisas com cana, articuladas com suas principais usinas, o consistente trabalho de pesquisa e assistência tecnológica para certificação da qualidade sanitária avícola, o desenvolvimento de sistemas de produção de leite mais eficientes com alimentação baseada em produtos locais e diversas ações de pesquisa e desenvolvimento envolvendo citros, grãos e fibras, frutas frescas e outras lavouras.

Na área de abrangência da **APTA Regional Centro Norte**, as principais fontes geradoras da renda agropecuária são as frutas frescas (27,82%), a cana (23,86%) e a laranja para indústria (23,79%). No conjunto da agropecuária regional, tiveram taxas de crescimento maiores que a média de 29,86%, os grãos e fibras (86,57%), a laranja para indústria (54,28%), as raízes tropicais (54,33%), as olerícolas (52,18%)



TABELA 4 - Comparação da Evolução do Valor da Produção Agropecuária das Áreas de Abrangência dos Pólos Regionais de Desenvolvimento Tecnológico dos Agronegócios entre os Anos de 1999 e 2003<sup>1</sup>

Grupos de produtos por pólos	(em R\$)				2003/1999 (var. %)
	1999		2003		
	Valor	%	Valor	%	
Agronegócios especiais	17.758.137	1,08	10.706.937	0,43	-39,71
Aves e suínos	24.946.390	1,52	42.377.757	1,70	69,88
Café	10.108.693	0,62	8.919.359	0,36	-11,77
Cana	780.854.944	47,56	1.224.955.203	49,13	56,87
Carne bovina	94.794.403	5,77	127.909.986	5,13	34,93
Frutas frescas	121.556.300	7,40	179.727.599	7,21	47,86
Grãos e fibras	380.220.173	23,16	553.869.457	22,22	45,67
Laranja para indústria	184.673.568	11,25	295.759.245	11,86	60,15
Leite	17.576.807	1,07	39.143.120	1,57	122,70
Olerícolas	9.246.217	0,56	9.331.701	0,37	0,92
Raízes tropicais	153.448	0,01	355.978	0,01	131,99
<b>Alta Mogiana</b>	<b>1.641.889.079</b>	<b>100,00</b>	<b>2.493.056.343</b>	<b>100,00</b>	<b>51,84</b>
Agronegócios especiais	14.568.807	2,14	16.304.046	1,51	11,91
Aves e suínos	142.716.435	20,92	407.244.842	37,81	185,35
Café	53.057.693	7,78	21.946.343	2,04	-58,64
Cana	63.181.496	9,26	112.318.652	10,43	77,77
Carne bovina	266.508.120	39,06	341.990.042	31,76	28,32
Frutas frescas	36.742.621	5,39	30.760.454	2,86	-16,28
Grãos e fibras	59.943.179	8,79	86.922.021	8,07	45,01
Laranja para indústria	1.662.185	0,24	642.094	0,06	-61,37
Leite	35.376.328	5,18	42.947.660	3,99	21,40
Olerícolas	7.264.630	1,06	7.686.788	0,71	5,81
Raízes tropicais	1.273.813	0,19	8.201.356	0,76	543,84
<b>Alta Paulista</b>	<b>682.295.307</b>	<b>100,00</b>	<b>1.076.964.298</b>	<b>100,00</b>	<b>57,84</b>
Agronegócios especiais	4.366.159	0,56	5.678.688	0,49	30,06
Aves e suínos	40.641.816	5,21	57.019.609	4,92	40,30
Café	5.164.043	0,66	5.155.403	0,44	-0,17
Cana	106.760.104	13,68	155.713.358	13,43	45,85
Carne bovina	437.236.675	56,04	594.436.750	51,25	35,95
Frutas frescas	27.722.401	3,55	18.183.574	1,57	-34,41
Grãos e fibras	79.277.342	10,16	230.404.870	19,87	190,63
Laranja para indústria	349.566	0,04	450.771	0,04	28,95
Leite	40.392.579	5,18	54.359.100	4,69	34,58
Olerícolas	28.072.943	3,60	19.687.200	1,70	-29,87
Raízes tropicais	10.177.583	1,30	18.722.006	1,61	83,95
<b>Alta Sorocabana</b>	<b>780.161.213</b>	<b>100,00</b>	<b>1.159.811.328</b>	<b>100,00</b>	<b>48,66</b>
Agronegócios especiais	797.090	0,05	1.242.920	0,05	55,93
Aves e suínos	269.513.294	15,41	315.635.834	13,84	17,11
Café	24.169.590	1,38	11.404.484	0,50	-52,81
Cana	978.483.882	55,93	1.122.419.642	49,23	14,71
Carne bovina	60.379.204	3,45	78.905.879	3,46	30,68
Frutas frescas	121.122.560	6,92	194.870.091	8,55	60,89
Grãos e fibras	108.949.217	6,23	174.415.441	7,65	60,09
Laranja para indústria	134.726.227	7,70	302.128.512	13,25	124,25
Leite	35.251.859	2,02	62.435.340	2,74	77,11
Olerícolas	14.364.481	0,82	14.520.918	0,64	1,09
Raízes tropicais	1.670.144	0,10	1.816.209	0,08	8,75
<b>Centro Leste</b>	<b>1.749.427.548</b>	<b>100,00</b>	<b>2.279.795.271</b>	<b>100,00</b>	<b>30,32</b>

<sup>1</sup>Em valores constantes, médios de 2003, deflacionados pelo IPCA do IBGE.  
Fonte: IEA/APTA.

TABELA 4 - Comparação da Evolução do Valor da Produção Agropecuária das Áreas de Abrangência dos Pólos Regionais de Desenvolvimento Tecnológico dos Agronegócios entre os Anos de 1999 e 2003<sup>1</sup>

Grupos de produtos por pólos	(em R\$)				(continua)
	1999		2003		2003/1999
	Valor	%	Valor	%	(var.%)
Agronegócios especiais	28.741.218	1,50	35.508.255	1,42	23,54
Aves e suínos	132.581.933	6,90	120.780.113	4,84	-8,90
Café	27.023.625	1,41	14.257.508	0,57	-47,24
Cana	441.480.135	22,99	595.002.732	23,86	34,77
Carne bovina	194.621.399	10,14	241.173.610	9,67	23,92
Frutas frescas	531.772.448	27,69	693.665.221	27,82	30,44
Grãos e fibras	66.451.786	3,46	123.976.825	4,97	86,57
Laranja para indústria	384.450.562	20,02	593.136.721	23,79	54,28
Leite	91.624.742	4,77	43.327.920	1,74	-52,71
Olerícolas	18.598.109	0,97	28.303.318	1,14	52,18
Raízes tropicais	2.943.300	0,15	4.542.493	0,18	54,33
<b>Centro Norte</b>	<b>1.920.289.257</b>	<b>100,00</b>	<b>2.493.674.714</b>	<b>100,00</b>	<b>29,86</b>
Agronegócios especiais	15.362.694	1,03	14.614.669	0,71	-4,87
Aves e suínos	137.561.980	9,26	250.354.022	12,15	81,99
Café	137.320.241	9,24	68.760.708	3,34	-49,93
Cana	538.966.106	36,27	752.638.003	36,51	39,64
Carne bovina	340.583.553	22,92	472.990.940	22,95	38,88
Frutas frescas	123.361.260	8,30	163.834.357	7,95	32,81
Grãos e fibras	56.211.712	3,78	97.378.385	4,72	73,24
Laranja para indústria	78.217.667	5,26	176.326.946	8,55	125,43
Leite	32.029.699	2,16	44.303.260	2,15	38,32
Olerícolas	21.341.504	1,44	14.469.713	0,70	-32,20
Raízes tropicais	4.955.390	0,33	5.617.539	0,27	13,36
<b>Centro Oeste</b>	<b>1.485.911.806</b>	<b>100,00</b>	<b>2.061.288.541</b>	<b>100,00</b>	<b>38,72</b>
Agronegócios especiais	672.475	0,05	751.256	0,04	11,72
Aves e suínos	380.162.682	27,37	519.737.741	28,57	36,71
Café	19.148.839	1,38	11.732.075	0,64	-38,73
Cana	498.947.597	35,93	598.595.085	32,90	19,97
Carne bovina	154.244.247	11,10	195.670.648	10,75	26,86
Frutas frescas	114.951.734	8,27	153.231.372	8,42	33,30
Grãos e fibras	54.186.346	3,90	86.215.544	4,74	59,11
Laranja para indústria	98.574.697	7,10	182.155.356	10,01	84,79
Leite	37.389.462	2,69	37.160.800	2,04	-0,61
Olerícolas	24.685.219	1,78	21.005.107	1,15	-14,91
Raízes tropicais	6.045.575	0,44	13.209.952	0,73	118,51
<b>Centro Sul</b>	<b>1.389.166.553</b>	<b>100,00</b>	<b>1.819.464.936</b>	<b>100,00</b>	<b>30,98</b>
Agronegócios especiais	18.453.119	1,83	25.486.792	1,79	38,12
Aves e suínos	133.435.936	13,21	97.799.770	6,87	-26,71
Café	9.806.456	0,97	11.860.222	0,83	20,94
Cana	251.304.644	24,87	443.641.087	31,15	76,54
Carne bovina	354.607.791	35,10	458.804.258	32,21	29,38
Frutas frescas	81.512.045	8,07	99.519.465	6,99	22,09
Grãos e fibras	96.020.075	9,50	207.299.581	14,56	115,89
Laranja para indústria	4.577.715	0,45	3.589.583	0,25	-21,59
Leite	45.173.013	4,47	66.540.900	4,67	47,30
Olerícolas	11.649.303	1,15	6.753.649	0,47	-42,03
Raízes tropicais	3.854.834	0,38	2.925.106	0,21	-24,12
<b>Extremo Oeste</b>	<b>1.010.394.930</b>	<b>100,00</b>	<b>1.424.220.413</b>	<b>100,00</b>	<b>40,96</b>

<sup>1</sup>Em valores constantes, médios de 2003, deflacionados pelo IPCA do IBGE.

Fonte: IEA/APTA.

TABELA 4 - Comparação da Evolução do Valor da Produção Agropecuária das Áreas de Abrangência dos Pólos Regionais de Desenvolvimento Tecnológico dos Agronegócios entre os Anos de 1999 e 2003<sup>1</sup>

Grupos de produtos por pólos	(em R\$)				(continua)
	1999		2003		2003/1999
	Valor	%	Valor	%	(var.%)
Agronegócios especiais	1.616.393	0,20	450.940	0,04	-72,10
Aves e suínos	188.580.130	23,24	240.091.224	23,28	27,32
Café	129.901.821	16,01	63.418.288	6,15	-51,18
Cana	66.318.578	8,17	85.721.897	8,31	29,26
Carne bovina	71.049.136	8,75	88.395.836	8,57	24,42
Frutas frescas	114.200.943	14,07	174.424.376	16,92	52,73
Grãos e fibras	48.082.661	5,92	73.622.244	7,14	53,12
Laranja para indústria	72.447.317	8,93	150.290.393	14,57	107,45
Leite	24.930.965	3,07	37.407.060	3,63	50,04
Olerícolas	88.220.061	10,87	98.583.552	9,56	11,75
Raízes tropicais	6.213.461	0,77	18.750.153	1,82	201,77
<b>Leste Paulista</b>	<b>811.561.469</b>	<b>100,00</b>	<b>1.031.155.962</b>	<b>100,00</b>	<b>27,06</b>
Agronegócios especiais	2.047.909	0,15	691.807	0,04	-66,22
Aves e suínos	118.884.005	8,51	140.393.647	7,47	18,09
Café	76.373.553	5,47	59.330.313	3,16	-22,32
Cana	354.923.998	25,41	506.228.833	26,94	42,63
Carne bovina	260.655.505	18,66	282.798.270	15,05	8,50
Frutas frescas	56.467.170	4,04	81.379.757	4,33	44,12
Grãos e fibras	408.304.932	29,23	655.754.491	34,90	60,60
Laranja para indústria	17.126.507	1,23	53.421.616	2,84	211,92
Leite	44.880.296	3,21	42.595.108	2,27	-5,09
Olerícolas	27.159.723	1,94	15.064.686	0,80	-44,53
Raízes tropicais	30.159.873	2,16	41.366.596	2,20	37,16
<b>Médio Parapanema</b>	<b>1.396.983.471</b>	<b>100,00</b>	<b>1.879.025.124</b>	<b>100,00</b>	<b>34,51</b>
Agronegócios especiais	900.269	0,06	1.164.326	0,07	29,33
Aves e suínos	105.987.902	7,24	186.671.686	10,70	76,13
Café	315.810.738	21,57	120.483.268	6,91	-61,85
Cana	286.458.459	19,56	400.173.481	22,94	39,70
Carne bovina	118.633.994	8,10	154.738.239	8,87	30,43
Frutas frescas	75.037.947	5,12	97.905.340	5,61	30,47
Grãos e fibras	164.129.602	11,21	252.376.354	14,47	53,77
Laranja para indústria	86.511.267	5,91	130.740.819	7,49	51,13
Leite	99.283.426	6,78	74.677.220	4,28	-24,78
Olerícolas	210.688.385	14,39	324.477.503	18,60	54,01
Raízes tropicais	899.463	0,06	1.116.840	0,06	24,17
<b>Nordeste Paulista</b>	<b>1.464.341.452</b>	<b>100,00</b>	<b>1.744.525.076</b>	<b>100,00</b>	<b>19,13</b>
Agronegócios especiais	23.615.592	1,74	32.685.513	1,85	38,41
Aves e suínos	68.209.273	5,01	44.346.063	2,52	-34,99
Café	63.809.152	4,69	25.586.579	1,45	-59,90
Cana	169.696.767	12,48	224.229.396	12,72	32,14
Carne bovina	469.623.203	34,53	624.505.274	35,44	32,98
Frutas frescas	197.512.110	14,52	216.793.966	12,30	9,76
Grãos e fibras	143.640.233	10,56	247.054.548	14,02	72,00
Laranja para indústria	99.914.248	7,35	155.744.718	8,84	55,88
Leite	109.290.717	8,03	180.083.240	10,22	64,77
Olerícolas	10.792.034	0,79	7.117.094	0,40	-34,05
Raízes tropicais	4.130.027	0,30	4.091.102	0,23	-0,94
<b>Noroeste Paulista</b>	<b>1.360.233.356</b>	<b>100,00</b>	<b>1.762.237.494</b>	<b>100,00</b>	<b>29,55</b>

<sup>1</sup>Em valores constantes, médios de 2003, deflacionados pelo IPCA do IBGE.  
Fonte: IEA/APTA.

TABELA 4 - Comparação da Evolução do Valor da Produção Agropecuária das Áreas de Abrangência dos Pólos Regionais de Desenvolvimento Tecnológico dos Agronegócios entre os Anos de 1999 e 2003<sup>1</sup>

Grupos de produtos por pólos	(em R\$)				(conclusão)
	1999		2003		2003/1999
	Valor	%	Valor	%	(var.%)
Agronegócios especiais	1.185.235	0,12	1.774.253	0,16	49,70
Aves e suínos	224.105.070	22,99	307.780.228	27,91	37,34
Café	13.398.624	1,37	10.239.820	0,93	-23,58
Cana	62.844.796	6,45	102.396.271	9,28	62,94
Carne bovina	36.893.398	3,78	56.526.438	5,13	53,22
Frutas frescas	189.955.545	19,49	215.299.127	19,52	13,34
Grãos e fibras	29.756.802	3,05	34.230.703	3,10	15,03
Laranja para indústria	34.912.567	3,58	63.877.918	5,79	82,97
Leite	27.201.871	2,79	35.660.600	3,23	31,10
Olerícolas	345.730.040	35,46	267.720.242	24,27	-22,56
Raízes tropicais	8.892.627	0,91	7.372.649	0,67	-17,09
<b>Sedes</b>	<b>974.876.575</b>	<b>100,00</b>	<b>1.102.878.249</b>	<b>100,00</b>	<b>13,13</b>
Agronegócios especiais	3.076.209	0,29	4.038.027	0,25	31,27
Aves e suínos	52.600.822	4,90	99.679.741	6,19	89,50
Café	10.564.096	0,99	6.257.158	0,39	-40,77
Cana	41.963.856	3,91	70.740.663	4,40	68,58
Carne bovina	195.619.589	18,24	258.392.552	16,05	32,09
Frutas frescas	138.016.990	12,87	142.703.463	8,87	3,40
Grãos e fibras	318.488.555	29,70	590.858.203	36,71	85,52
Laranja para indústria	39.829.199	3,71	94.497.057	5,87	137,26
Leite	24.061.665	2,24	45.920.240	2,85	90,84
Olerícolas	244.334.027	22,78	294.120.183	18,27	20,38
Raízes tropicais	3.889.466	0,36	2.261.027	0,14	-41,87
<b>Sudoeste Paulista</b>	<b>1.072.444.474</b>	<b>100,00</b>	<b>1.609.468.315</b>	<b>100,00</b>	<b>50,07</b>
Agronegócios especiais	381.107	0,16	469.939	0,14	23,31
Aves e suínos	9.502.500	4,06	10.637.227	3,25	11,94
Café	2.918.577	1,25	1.323.800	0,40	-54,64
Cana	1.482.610	0,63	2.193.450	0,67	47,95
Carne bovina	75.802.155	32,41	105.522.704	32,26	39,21
Frutas frescas	20.338.140	8,69	23.873.698	7,30	17,38
Grãos e fibras	37.526.241	16,04	53.771.282	16,44	43,29
Laranja para indústria	1.085.883	0,46	2.406.537	0,74	121,62
Leite	67.046.750	28,66	115.111.360	35,19	71,69
Olerícolas	15.151.977	6,48	9.848.441	3,01	-35,00
Raízes tropicais	2.685.014	1,15	1.959.320	0,60	-27,03
<b>Vale do Paraíba</b>	<b>233.920.955</b>	<b>100,00</b>	<b>327.117.758</b>	<b>100,00</b>	<b>39,84</b>
Agronegócios especiais	15.268.433	3,83	7.818.025.54	1,66	-48,80
Aves e suínos	2.344.900	0,59	2.073.932.98	0,44	-11,56
Café	-	-	3.883.25	0,00	-
Cana	57.914	0,01	175.094.40	0,04	202,33
Carne bovina	28.470.527	7,15	43.638.321.38	9,28	53,28
Frutas frescas	273.053.697	68,56	336.185.249.93	71,46	23,12
Grãos e fibras	6.324.076	1,59	8.275.325.40	1,76	30,85
Laranja para indústria	123.280	0,03	45.838.80	0,01	-62,82
Leite	3.267.421	0,82	8.163.980.00	1,74	149,86
Olerícolas	66.827.851	16,78	61.189.494.20	13,01	-8,44
Raízes tropicais	2.550.334	0,64	2.891.044.34	0,61	13,36
<b>Vale do Ribeira</b>	<b>398.288.433</b>	<b>100,00</b>	<b>470.460.190.22</b>	<b>100,00</b>	<b>18,12</b>

<sup>1</sup>Em valores constantes, médios de 2003, deflacionados pelo IPCA do IBGE.

Fonte: IEA/APTA.

e a cana (34,77%) (Tabela 4). Nessa região, os esforços de pesquisa consistem no desenvolvimento de materiais genéticos e sistemas de produção para as frutas de qualidade, na criação de opções de variedades para os cultivos de cana e de laranja, bem como técnicas de manejo para a pecuária.

Na área de abrangência da **APTA Regional Centro Oeste**, as principais fontes geradoras da renda agropecuária são a cana (36,52%), a carne bovina (22,95%), as aves e suínos (12,15%) e a laranja para indústria (8,55%). No conjunto da agropecuária, tiveram taxas de crescimento maiores que a média de 38,72%, a laranja para indústria (125,43%), as aves e suínos (81,99%), os grãos e fibras (73,24%), a cana (39,64%) e a carne bovina (38,88%) (Tabela 4). Nessa região, as pesquisas procuram elevar a produtividade da cana para indústria, com sistemas de cultivo de grãos e fibras, com sericicultura, com frutícolas, como o maracujá, e com pecuária de corte a pasto.

Na área de abrangência da **APTA Regional Centro Sul**, as principais fontes geradoras da renda agropecuária são a cana (32,90%), as aves e suínos (28,57%), a carne bovina (10,75%) e a laranja para indústria (10,01%). No conjunto da agropecuária, tiveram taxas de crescimento maiores que a média de 30,98%, as raízes tropicais (118,51%), a laranja para indústria (84,79%), os grãos e fibras (59,11%), as aves e suínos (36,71%) e as frutas frescas (33,30%) (Tabela 4). Nessa região, as pesquisas procuram elevar a produtividade da cana para indústria, buscando incrementar o dinamismo dessa tradicional agro-indústria, bem como estudam a viabilização de alternativas de diversificação regional para ocupação de áreas com maior declividade, como a produção de orgânicos.

Na área de abrangência da **APTA Extremo Oeste**, as principais fontes geradoras da renda agropecuária são a carne bovina (32,21%), a cana (31,15%) e os grãos e fibras (14,56%). No conjunto da agropecuária, tiveram taxas de crescimento maiores que a média de 40,96%, os grãos e fibras (115,89%), a cana (76,54%) e o leite (47,30%) (Tabela 4). Nessa região, as principais ações da pesquisa estão relacionadas com ampliação da diversificação regional, como a integração lavoura-pecuária no plantio de grãos e a expansão da lavoura canavieira, que avança nessa nova frente sobre pastagens. Isso sem deixar

de produzir inovações para a pecuária bovina de corte, como a seleção de nelores mochos, com base em matrizes de comprovada característica de ganho de peso e de animais zebuínos da raça guzerá.

Na área de abrangência da **APTA Leste Paulista**, as principais fontes geradoras da renda agropecuária são as cadeias de produção de aves e suínos (23,28%), de frutas frescas (16,92%), de laranja para indústria (14,57%), de olerícolas (9,56%), de carne bovina (8,57%) e de cana (8,31%). A taxa de crescimento da renda agropecuária só não atingiu índices maiores que os 27,06% verificados pela expressiva queda dos preços do café no mercado internacional que, em 2003, representavam um terço dos observados em 1999. No conjunto da agropecuária, tiveram taxas de crescimento maiores que a média as raízes tropicais (201,77%), a laranja para indústria (107,45%), as frutas frescas (52,73%) e os grãos e fibras (53,12%) (Tabela 4). Nessa região, a pesquisa está focada na sustentação da diversificação regional com base na agricultura familiar, tanto de raízes tropicais como de frutas frescas, grãos e fibras, além da laranja para indústria.

Na área de abrangência da **APTA Médio Paranapanema**, as principais fontes geradoras da renda agropecuária são as cadeias de produção de grãos e fibras (34,90%), de cana (26,94%) e de carne bovina (15,05%). No conjunto da agropecuária, tiveram taxas de crescimento maiores que a média de 34,51%, a laranja para indústria (211,92%), os grãos e fibras (60,60%), as frutas frescas (44,12%), a cana (42,63%) e as raízes tropicais (37,16%) (Tabela 4). Nessa região, são importantes os esforços de desenvolvimento de novos materiais genéticos de cana, de mandioca para indústria, de grãos e fibras e de frutas, em especial na procura da diversificação e da ocupação produtiva de todo espaço produtivo regional, ampliando as áreas plantadas para outras zonas, que não as de terra roxa.

Na área de abrangência da **APTA Nordeste Paulista**, as principais fontes geradoras da renda agropecuária são as cadeias de produção de cana (22,94%), de olerícolas (18,60%), de grãos e fibras (14,47%) e de aves e suínos (10,70%). Nessa região, a queda vertiginosa dos preços internacionais do café, que se reduziram a um terço, no período 1999-2003, fez com que esse, que em 1999 era a principal cadeia de produção formadora da renda regional (21,57%),

apresentasse queda de 61,85% e passasse a representar 6,91% da renda em 2003. A situação só não ficou mais dramática, com incremento de 19,13% do valor da produção agropecuária, dadas as atividades que tiveram taxas de crescimento maiores que a média como as aves e suínos (76,13%), as olerícolas (54,01%), os grãos e fibras (53,77%), a laranja para indústria (51,13%) e a cana (39,70%) (Tabela 4). Nessa região, além do café adensado com alta qualidade, a pesquisa concentra esforços nas olerícolas, nos grãos e fibras e na cana.

Na área de abrangência da **APTA Noroeste Paulista**, as principais fontes geradoras da renda agropecuária são as cadeias de produção de carne bovina (35,44%), de grãos e fibras (14,02%), de cana (12,72%), de frutas frescas (12,30%) e de leite (10,22%). No conjunto da agropecuária, tiveram taxas de crescimento maiores que a média de 29,55%, os grãos e fibras (72,00%), o leite (64,77%), a laranja para indústria (55,88%), os agronegócios especiais (38,41%), a carne bovina (32,98%) e a cana (32,14%) (Tabela 4). Nessa região, destacam-se as pesquisas com grãos e fibras, com seringueira (incluída nos agronegócios especiais), com laranja para indústria e de manejo orientado e sanitário de rebanhos leiteiros.

Na área de abrangência correspondente às **sedes** dos institutos de pesquisa da **APTA**, as principais fontes geradoras da renda agropecuária são as cadeias de produção de aves e suínos (27,91%), de olerícolas (24,27%), de frutas frescas (19,52%) e de cana (9,28%). Essa área de abrangência caracteriza-se por incluir duas grandes regiões metropolitanas, Grande São Paulo e Campinas, nas quais os agronegócios não constituem o segmento dinâmico da economia regional, mas sim as indústrias de ponta e os serviços modernos. No conjunto da agropecuária, tiveram as mais expressivas taxas de crescimento a laranja para indústria (82,97%), a cana (62,94%), a carne bovina (53,22%), os agronegócios especiais (49,70%), as aves e suínos (37,34%) e o leite (31,10%) (Tabela 4). Nessa região, nas quais se localizam as sedes dos institutos de pesquisa da **APTA**, a programação de pesquisa é ampla e diversificada.

Na área de abrangência da **APTA Sudoeste Paulista**, as principais fontes geradoras da renda agropecuária são as cadeias de produção de grãos e fibras (36,71%), de olerícolas (18,27%), de carne bovina (16,05%), de aves e

suínos (6,19%) e de laranja para indústria (5,87%). No conjunto da agropecuária, tiveram taxas de crescimento maiores que a média de 50,07%, a laranja para indústria (137,26%), o leite (90,84%), as aves e suínos (89,50%), os grãos e fibras (85,52%) e a cana (68,58%) (Tabela 4). O esforço regional de pesquisa concentra-se nos grãos tais como feijão, soja, trigo, cevada e outros cereais de inverno, nas olerícolas como a batata e o tomate, nos suínos e nas frutas como tangerinas sem semente e fruteiras de clima temperado.

Na área de abrangência da **APTA Vale do Paraíba**, as principais fontes geradoras da renda agropecuária são as cadeias de produção de leite (35,19%), de carne bovina (32,26%), de grãos e fibras (16,44%) e frutas frescas (7,30%). No conjunto da agropecuária, tiveram taxas de crescimento maiores que a média de 39,84%, laranja para indústria (121,62%), leite (71,69%), cana (47,95%), grãos e fibras (43,29%) e carne bovina (39,21%) (Tabela 4). O esforço regional de pesquisa concentra-se nos grãos, em especial no arroz irrigado, que é a principal lavoura, na pecuária de leite e de corte, na apicultura e na aquíicultura. A diversificação é uma estratégia fundamental para o desenvolvimento regional, em especial para atividades integradas agro-silvo-pastoris, de frutas frescas e de olerícolas, todas gerando produtos de elevado valor unitário.

Na área de abrangência da **APTA Vale do Ribeira**, as principais fontes geradoras da renda agropecuária são as cadeias de produção de frutas frescas-banana (71,46%), de olerícolas (13,01%) e de carne bovina (9,28%). A agropecuária tem sua renda dependente do desempenho da banana, que influenciou, de forma direta, a taxa de crescimento regional ao crescer apenas 18,12% no período 1999-2003, fato acirrado pela queda de 8,44% no valor de produção do tomate de mesa, olerícola que predomina no Alto Ribeira. No conjunto da agropecuária, tiveram maiores taxas de crescimento produtos com menor expressão regional como a cana (202,33%), o leite (149,86%), a carne bovina (53,28%) e os grãos e fibras (30,85%) (Tabela 4). O esforço de pesquisa concentra-se na banana, no chá e na diversificação produtiva com a pupunha, búfalos, aquíicultura e olerícolas.

## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizando, é fundamental colocar que

esse processo de desconcentração regional da renda agropecuária efetivou-se, dada a expectativa gerada pelo movimento de descentralização do desenvolvimento no território paulista, que está sendo puxado pelos agronegócios por ser não apenas o setor econômico presente em todo espaço geográfico estadual, como a principal alternativa de incremento da renda da maioria dos municípios localizados fora do eixo Anhangüera-Bandeirantes. Verifica-se que entre as regiões incluídas no grupo 5 do IPRS, aquelas com pior desempenho em indicadores sociais e econômicos, o Vale do Ribeira, que no triênio 1999-2002 apresentava taxas negativas de crescimento da renda agropecuária, em 2003 apresentou elevada taxa de crescimento da renda, podendo caracterizar um processo retardatário de inserção nesse movimento de desconcentração. Num primeiro

momento, essa desconcentração vem sendo impulsionada pelo avanço de cadeias de produção tradicionais das lavouras de escala como a soja e a cana, a partir da rápida adaptação de técnicas produtivas e de materiais genéticos já desenvolvidos em outras regiões. Exatamente por isso, essa tendência tem limites, exigindo esforço adicional no sentido de garantir a sustentabilidade por um prazo mais amplo de taxas diferenciais de incremento da renda nas regiões menos desenvolvidas, o que contribui para o processo de diminuição das disparidades entre as regiões paulistas. Para tanto, o único caminho consistente é apostar na geração de novos negócios, em especial, com base em agro-empresendedores familiares, para o qual a consolidação da infra-estrutura regional de pesquisa e desenvolvimento é uma necessidade imperiosa.